Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Resenha

Alessandro Rodrigues ROCHA. O *Espírito Santo:* aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana. São Paulo, ed. Vida, 2008, 219ps.

Ana Maria Tepedino[1]

Vivemos, atualmente, uma forte efervescência de movimentos pentecostais e carismáticos. Um texto sobre o Espírito Santo que pode clarificar e fundamentar estas experiências é muito bem vindo. O autor pretende realizar suas reflexões ancorando o Espírito de Deus na história concreta e nas relações das pessoas entre si e com o mundo.

O texto é apresentado em três partes: seção bíblico-teológica; sistemático-teológica e histórico-teológica. A intenção é trabalhar dentro de um panorama abrangente e integrado, "holístico", que colabore para que o leitor tenha uma perspectiva ampla da presença e atuação do Espírito Santo. Portanto, uma obra teológica, que pretende um alcance pastoral.

Com clareza, sensibilidade e delicadeza o autor inicia suas reflexões com poesias, que introduzem os capítulos, como um convite, para que a reflexão não permaneça apenas no nível racional, outras dimensões como a sensibilidade também são convidadas. As introduções iluminam o texto para que fique mais leve e compreensível, porque o assunto é considerado "difícil", e desta forma pode ser assimilado com mais facilidade.

[1] Graduada em Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis. Bacharel, Mestre e Doutora em Teologia pela PUC-Rio, sendo, atualmente, professora associada do Departamento de Teologia da mesma instituição.

Três eixos percorrem o livro: a valorização do feminino em Deus, juntamente com o masculino; aspecto que as teólogas feministas têm trabalhado muito, mas aqui apresentado por um homem é uma agradável surpresa. O outro é o tema da solidariedade do Espírito com o humano através da sua discreção, "sua *Kénose*", (auto-renúncia de usar o que tinha para seu próprio benefício), por isso, escolhe como habitação o interior das pessoas, e desde aí, cria e re-cria, inspira e transforma, consola e fortalece, possibilitando novas experiências, que as configuram como "novas criaturas" capacitadas a viver "novas relações entre si e com o mundo", inspiradas na ação do Espírito, que trabalha "entre nós", e em consequência, aparece o terceiro eixo, a relacionalidade que possibilita a humanização, sinal de realização do Reino de Deus sobre a Terra.

O Espírito (*Ruah)* em hebraico, força vital de Deus que dá forma a toda a criação, é substantivo feminino e o autor o compara ao ventre materno que dá à luz, acentua que o criador não cria em série, através de uma dinâmica febril; mas, como mãe que gera o filho nas próprias entranhas, nutrindo-o com as próprias forças, embalando-o com os próprios sonhos, sofrendo com seus sofrimentos. Enfim, depois de apresentar esta dimensão, coloca em relevo, que a concepção mais forte do Espírito Santo é refletida pelo Segundo Testamento: Jesus Cristo ao entregar seu espírito (na sua morte) oferece a doação plena do Espírito suscitando nos homens e mulheres a dignidade de filhos e filhas de Deus, que se tornam seus templos, sua moradia. O Espírito Santo é o Deus que "está em nós" para que possamos "estar em Deus" (cf Jo 17,21). Sua atuação nos introduz no projeto trinitário de vida, que é doação, comunhão, solidariedade concreta, serviço, como nos revelou Jesus através de sua vida concreta. E o Espírito faz questão de no-lo recordar, para que nós, no seguimento de Jesus, possamos fazer o mesmo (cf. Jo14,26).

Algumas pinceladas do conteúdo: 1o. capítulo - O Espírito como princípio de relações igualitárias- Deus é sempre pensado numa cultura. Como a cultura judaico cristã era patriarcal, a figura de Deus é assimilada ao masculino, e esta se impôs no imaginário cristão. O autor se propõe a repensar a construção social da linguagem teológica sobre a imagem de Deus, também no feminino, a fim de

contribuir para uma visão mais ampla do divino, e como decorrência, propiciar uma valorização das mulheres, e da presença feminina no interior das igrejas. Para isso, enfrenta três questões: recuperar o significado da Ruah e do Espírito nas línguas originais; refletir sobre a pessoa do Espírito Santo e sua relação com a Trindade e a Criação; e, discutir como a Teologia pode contribuir para a valorização e humanização das relações de gênero.

Ruah, Pneuma, Spiritus (Espírito) - a masculinização de um conceito e de uma imagem. A palavra feminina Ruah sofre uma destituição gramatical, torna-se *Pneuma,* neutro, em grego; e *Spiritus,* em latim, substantivo masculino; este processo não se constitui num problema meramente semântico, mas, foi desastroso na vida das mulheres, porque estabeleceu uma analogia perversa: -se Deus é apresentado apenas no masculino, o masculino "pensa que é Deus"-. Tornou-se estranho para a cultura judaico-cristã e maometana, imaginar Deus no feminino. Revendo as religiões originárias, nos deparamos com a possibilidade de refletir Deus na pessoa do Espírito, de tal forma que tanto o universo masculino como o feminino possam se comunicar, analogamente, com Aquele de quem somos "imagem e semelhança" (Gn 1,27).

Ruah - O Espírito do Senhor no A T. é apresentado como força pela qual Deus age no mundo e na vida de cada homem e mulher, atua no íntimo da pessoa, tornando-a mais humana, responsável na história pela dignidade própria de ser "*Imago Dei"*. A *Ruah* pode ser tomada como um conceito teo-antropológico, pois reúne numa dinâmica de vitalidade, inclusão e cooperação, a Teologia e a Antropologia.

Pneuma - O Espírito Santo no Segundo Testamento. No evangelho de Lucas (3,5) Jesus afirma que "ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito", ensinando que o Espírito faz renascer o homem e a mulher, sempre nos tornando mais à imagem e semelhança de Deus. Pontua, o autor, que esta tarefa de vivificar, gerar e regenerar é própria do universo feminino. Homens e mulheres novos nascem deste útero divino que é o Espírito. Esta perspectiva da ação do

Espírito é ainda mais clara nos Atos dos Apóstolos, que apresenta uma perspectiva inclusiva, pois, neste texto se menciona explicitamente o masculino e o feminino: os discípulos e as discípulas cheios do Espírito Santo, que começaram a anunciar, a profetizar. É o nascimento da Igreja, comunidade de pessoas com a mesma dignidade tanto para os filhos, como para as filhas de Deus.

- As relações entre o Pai, o Filho, e o Espírito Santo como fundamento das relações eclesiais. Assim como na sociedade, dentro das igrejas há necessidade de uma conversão das relações a vivência trinitária vai nos propor como princípio expresso no evangelho, a *relacionalidade*. Estamos diante de Deus (Pai), ao lado dele (Filho), e ele em nós (Espírito). O Pai envia o Filho que nos revela que Deus é Amor (1 Jo4,8), e nos chama a nos relacionarmos com o divino e com o humano, e assim expressarmos que somos inhabitados por Ele.

O Espírito Santo expressa a ternura e o cuidado divino para com a criação. Fonte de vida, que cria e recria , inspira e consola, conforta e desafia a igreja. O Espírito derrama o amor de Deus em nossos corações, em razão disso, somos capazes de realizar boas ações (esta perspectiva é semelhante à da Sabedoria (cf. Prov 8,35).

Mas, o Espírito não atua apenas em nossa subjetividade, mas também na coletividade, no mundo. A vida cristã só é possível no Espírito, presença de Deus que habita tudo.A comunidade cristã primitiva vivia unida em comunhão, unidade e amor, marcas características da ação do Espírito. Infelizmente, o dualismo grego introduziu um corte nesta unidade: corpo/alma, matéria/espírito), e a espiritualidade começou a ser entendida como separação do mundo, totalmente contrário, ao que Jesus, homem cheio do Espírito nos revelou, através de seu comportamento tão inserido no seu tempo e tão compassivo e solidário, com todas as pessoas especialmente os-as que mais sofriam.

- A seção sistemático-teológica é absolutamente fascinante. Inicia-se com o tema do Espírito Santo como espaço vital e força de vida. Influenciado por J. Moltmann e Luiz Carlos Susin o autor,

elabora uma bela reflexão: a inhabitação do Espírito em toda a criação e em cada pessoa, donde, nos revela a face kenótica do Deus Trinitário. O Espírito Santo age dentro de nós, entre nós, e através de nós. Nesta relacionalidade encontra-se o caminho da humanização. Onde o humano se realiza, aí acontece a manifestação do Espírito Santo. Portanto, a Antropologia é o lugar de encontro com o Espírito. Ocorre uma mútua relação Espírito-homem-mulher, recíproca e complementarmente. Portanto, o humano é a "topografia" (topos: lugar, grafia: escrita), lugar de inscrição da presença do Espírito e espaço vital para a realização do humano . Esta inhabitação confere uma mística à existência humana, pois afirma que os corpos de homens e mulheres são capazes de Deus. Esta mística encontra sua culminância no encontro dos corpos. Por isso, o amor celebra a plenitude de possibilidade de Deus no humano. O amor é a oração mais eficaz. Ele é a expressão mais clara da ênfase humanização/santificação dos homens e mulheres.

Alessandro Rocha fala da *kénosis* do Pai, da do Filho e da do Espírito Santo, onde apresenta este como humildade e discreção. Essa presença do Espírito o aproxima da realidade materna, do mistério da gestação de um outro, o que supõe abrir um "espaço" em si para ser habitado por outro, num abraço e regaço envolventes. A Kénosis do Espírito representa para nós a proximidade mais radical de Deus. Em conclusão: a vida cristã deve ser um constante movimento kenótico: o descentramento de si é o caminho da plena humanização: a forma de ser no mundo proposta pelo nosso kenótico. Deus é a relacionalidade. O Espírito, dom do Pai e do Filho, nos transforma em "novos homens" e "novas mulheres" e transforma as relações interhumanas e com o mundo. O Espírito é a fonte de toda a liberdade: coração e mundo são o lugar da realização desta liberdade. O amor é o fundamento para o transbordamento da liberdade, para além do coração. A existência pneumática é ser livre para construir o outro, o "nós", lugar "além do eu e aquém do tu". A esperança livra a liberdade da possível estagnação das relações que se esgotam no imediato.

Depois deste aprofundamento teo-antropológico, chegamos à seção histórico-teológica com

ênfase voltada à teologia protestante. No primeiro capítulo, busca descobrir a ação do Espírito em três movimentos marginais: o anabatismo, o metodismo, e o pentecostalismo. Identifica neles a ação do Epírito, por causa da ênfase na experiência, como chave hermenêutica teológica; a vivência eclesial recriadora da ordem institucional, e a aproximação e valorização dos pobres, como sujeito do fazer teológico. Em seguida, apresenta como a teologia protestante latino-americana e aponta a presença do Espírito inspirando o projeto de inserção na realidade de injustiça, em que vivem os povos deste continente. Interessante que já havia tematizado como os autores Paulo, Lucas e João apresentam o Espírito Santo de maneira diferente e complementar; no entanto, cada um, a seu modo acentua a perspectiva da missão, entendida como tornar o mundo mais humano. Esta a perspectiva que a partir do Congresso de Lausanne (1974) se constituiu num chamado do Espírito, inicia um tempo de preocupação em que o evangelho fosse transmitido de maneira integral, "para todo o homem e para o homem todo", proposta semelhante à do Papa Paulo VI na encíclica Populorum Progressio. O Espírito trabalha a unidade! Na América Latina a partir do Clade II esta proposta é assumida pelo evangelismo latino americano e é enquadrada como Teologia da Missão Integral. O trinômio Espírito, homem e Palavra aparecem como o centro da missão da comunidade no mundo, para vencer as estruturas de opressão, não no discurso, mas, no concreto da vida das pessoas humanas.

Muito interessante o livro; revela acuidade teológica e sensibilidade pastoral. Alessandro Rocha será, sem dúvida um dos melhores teólogos da sua geração.

Ana Maria Tepedino

http://lattes.cnpq.br/7977663794091696